MORAL DE SENHORES E MORAL DE ESCRAVOS NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

BRAIAN SANCHES MATILDE[1]

Resumo: O foco deste trabalho é o que Nietzsche chama de "rebelião escrava na moral": Segundo o filósofo, a nobreza cavalheiresco-aristocrática cria para si o termo "bom", no sentido de se auto-afirmarem de categoria superior. Não obstante, esta mesma nobreza também cria o termo "ruim" para se referir ao que é baixo, plebeu e comum. Por outro lado, o ressentimento inverte este modo de valoração nobre e parte do outro para se designar: criam o "mau" referindo-se àqueles nobres, e "bom" referindo-se a si mesmo como oposto ao que for nobre.

Palavras-chave: moral, nobreza, ressentimento

Iniciemos considerando a *moral de senhores*. Os homens pertencentes a essa moral são os da nobreza cavalheiresco-aristocrática, cujos juízos de valor

> *têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente.*[2]

Daí o filósofo pode estabelecer uma equação de valores aristocrática, a saber, "bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses"[3]. Considera, também, que "toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma"[4]:

---

[1] Graduando em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).
[2] NIETZSCHE. *Genealogia da Moral:* Uma Polêmica, p. 25.
[3] *Idem*, p. 26.
[4] *Idem*, p. 29.

desse modo, "a maneira nobre de avaliar ressalta o sentimento de plenitude e excesso da própria força (...) – sabe-se *criador* de valores"[5]. O nobre, portanto, fundamenta sua moral e cria valores a partir de si mesmo; sua ação e crescimento são espontâneos, sem que os precise inventar para si; não precisa se comparar com outras castas para se valorar; e seu oposto serve apenas para se vangloriar ainda mais de sua posição de nobre.

Consideremos agora, ainda sob a perspectiva nobre, um pouco sobre os conceitos "bom" e "ruim". Nietzsche observou estes dois conceitos do ponto de vista etimológico, e nas diversas línguas observadas aconteceu a mesma coisa: a nobreza-aristocrática desenvolveu para si o conceito "bom", no sentido de ser espiritualmente bem nascido ou privilegiado; e juntamente com este conceito vem outro, o "ruim", no sentido de ser plebeu, comum e baixo.

> *Descobri então que todas elas [as diversas línguas] remetem à mesma* transformação conceitual – *que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim".*[6]

Passemos, agora, à *moral de escravos*, cujos integrantes são os *homens do ressentimento*. Essa moral teve surgimento com o sacerdote, mais especificamente, o sacerdote judeu. Essa casta nobre-sacerdotal é contra a guerra, é também fraca e impotente; e, ao mesmo tempo, é a mais terrível e vingativa:

> *O modo de valoração nobre-sacerdotal tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio! Os sacerdotes são, como sabemos, os*

[5] MARTON. *Nietzsche:* das forças cósmicas dos valores humanos, p. 80.
[6] NIETZSCHE. *Op.cit*, p. 21.

> *mais terríveis inimigos – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os grandes odiadores sempre foram sacerdotes, também os mais ricos de espírito – comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece.*[7]

No entanto, o ressentimento não se detém somente no ódio, pois sendo impotente para agir, acaba por criar um mundo – e isto como parte da sua vingança – onde sua impotência ganha destaque. "De fato, é a sua impossibilidade de agir neste mundo que o leva forjar a existência de outro, onde terá posição de destaque, ocupará lugar privilegiado, será figura eminente"[8]. Este outro mundo forjado pelo ressentimento é negação do mundo existente, do mesmo mundo que o nobre tanto afirma. Com efeito, neste mundo do ressentimento, seus integrantes precisam mentir para si mesmos para inventar seus valores e *fabricar ideais*. Daí, por exemplo, impotência vira bondade, sua miséria é considerada eleição e distinção divina, se nomeiam "os justos" e odeiam toda "injustiça", e finalmente, este mundo inventado para consolar o sofrimento da vida ganha o nome de "Reino de Deus"[9].

Será a partir desse modo de valorar o mundo que o ressentimento cria os valores "bom" e "mau". Mas, o que exatamente fez o ressentimento? Inverteu os valores da aristocracia guerreira. Para entendermos esta articulação, observemos o seu início, com a nobreza sacerdotal invertendo os valores da nobreza aristocrática, de modo que "o sacerdote judeu vai se opor aos seus inimigos e dominadores por um ato de vingança estritamente espiritual"[10]. Vejamos, nas próprias palavras de Nietzsche, qual o discurso feito pelo sacerdote ao inverter os valores dos nobres:

---

[7] *Idem*, p. 25.
[8] MARTON. *Op. cit.* p. 81.
[9] NIETZSCHE. *Op. cit.,* p. 37-39.
[10] MOURA. *Nietzsche:* civilização e cultura, p. 145.

> *Os miseráveis somente são bons, apenas os pobres, impotentes, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados unicamente para eles há bem-aventurança - mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...*[11]

Essa inversão de valores tem um nome muito preciso na filosofia de Nietzsche, a saber, *revolta dos escravos na moral*. Será sobre esta *revolta* que nos ocuparemos agora, e para melhor entende-la, vejamos a moral de senhor e a de escravos lado a lado.

Retomando o que já foi visto acima, podemos traçar uma diferença fundamental entre ambas as morais. Enquanto os nobres criam valores a partir de si mesmos – e por isso ganham, na filosofia da Nietzsche, o nome de "fortes e poderosos" -, os ressentidos precisam destes valores previamente estabelecidos para poder criar seus próprios valores (criar aqui é inverter). Esta mudança de perspectiva feita pelo ressentimento é, de fato, não mais que uma reação – e por isso Nietzsche os nomeia de "fracos e impotentes". Sendo assim, para o ressentimento fazer a inversão de valores é necessário antes negar o nobre, para então tentar se afirmar.

> *A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador de valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um "fora", um "outro", um "não-eu" – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.*[12]

[11] NIETZSCHE. *Op. cit.*, p. 26.
[12] *Idem*, p. 28-29.
[13] *Idem*, p. 29.

Com efeito, como visto acima, a moral nobre nasce de uma consideração de si própria, isto é, criam valores se auto-afirmando, de modo a se considerarem os "bons", "belos" e "felizes"; e, apenas por imagem de contraste pálida e posterior desenvolvem o conceito negativo de "baixo", "comum" e "ruim"[13]. Por sua vez, a revolta dos escravos se iniciará recusando esta consideração: sendo incapazes de auto-afirmação, os fracos inverterão seu olhar e negarão os nobres para tentar se afirmar. Desta negação do outro, desta inversão de olhares, surgirão os valores do ressentimento: "O fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não se pode igualar. Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento"[14]. Podemos ainda notar, portanto, que a diferença entre a moral de senhores e de escravos não pára simplesmente na inversão de valores que esta fez daquela, a diferença é também do modo como cada uma se reconhece: "o senhor reconhece a si mesmo, enquanto o escravo, para reconhecer-se, precisa passar antes pela mediação de seu oposto, o senhor"[15]. Por isso, longe de agir, a "ação" escrava não passa de reação.

Aliás, se observarmos com mais cautela notaremos que, mais do que ser incapaz de agir, a moral escrava é também incapaz de reagir. Isso se deve porque a verdadeira reação é, no fundo, uma ação, um ato em resposta a outro ato. No entanto, o fraco busca reparação apenas através da "vingança imaginária", pois é incapaz de agir tal como o forte, é incapaz de lutar e disputar a altura, é incapaz de ser forte. Por isso a moral escrava não é moral de reação, mas moral de ressentimento[16].

Por sua vez, o olhar nobre também se equivoca contra a realidade, não reconhecendo a esfera do homem comum e baixo. Por outro lado, o ressentimento, muito além de se equivocar, *falseia* o olhar que estabelece ao forte. Em outras palavras, enquanto o nobre apenas se recusa a conhecer o que ele tanto despreza, o fraco prefere "transformar seu objeto em monstro

[14] MARTON. *Op. cit.*, p. 80.
[15] MOURA. *Op. cit.*, p 123.
[16] MARTON. *Op. cit.*, p. 82.

e caricatura"; enquanto o fraco é movido pelo ódio e desejo de vingança e por isso falseia o outro, já o nobre, apesar da negligência, ligeireza, desatenção e impaciência, pelo menos tem alegria consigo mesmo e *pode* se auto-afirmar[17]. Exatamente o oposto ocorre com o ressentimento, que precisa do olhar ao inimigo, que mente para si mesmo inventando um mundo diferente e oculto, que sabe não agir e aguardar o momento da reação, e, por isso, não são outra coisa senão *passivos*:

> *Tudo isso o oposto da felicidade no nível dos impotentes, opressos, achacados por sentimentos hostis e venenosos, nos quais ela [a felicidade] aparece essencialmente como narcose, entorpecimento, sossego, "sabbat", distensão do ânimo e relaxamento dos membros, ou, numa palavra,* passivamente"[18]

E, continua o filósofo:

> *o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma* olha de través*; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da esperança, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria*[19].

Vemos, então, quão distante é a maneira de valorar do nobre e do ressentimento. Contudo, o próprio Nietzsche aceita que é possível o homem nobre ter ressentimento. Mas, ainda sim, é diferente do ressentimento que tem o fraco. E, aqui, notamos uma diferença fundamental entre ambos, um ponto chave que caracteriza o verdadeiro ressentimento: o ressentimento até pode aparecer no nobre, mas este não se *envenena*; o homem forte o consome imediatamente, ele *age* e finda com seu ressentimento. O oposto

[17] NIETZSCHE. *Op. cit.,* p. 29
[18] *Idem*, p. 30.
[19] *Idem*, *Ibidem.*

ocorre com os fracos, pois, não sendo capazes de agir, muitas vezes nem se quer o ressentimento aparece de imediato, é antes enterrado e "esquecido"; mas nunca é de fato esquecido, antes, com o passar do tempo, o ressentimento cresce e consome o fraco, que, enquanto isso, planeja e espera sua vingança em silêncio, criando seu mundo e nele vivendo; em uma palavra, este homem fraco está envenenado[20].

Por isso o inimigo, para o nobre, não é alvo de ódio ou de vingança, pois ele simplesmente não consegue "levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus *mal-feitos* inclusive"[21]. Antes, o nobre reverencia seu inimigo, "ele reclama para si seu inimigo como distinção, ele não suporta inimigo que não aquele no qual nada existe a desprezar, e *muito* a venerar!"[22] Ora, até mesmo para ser inimigo deve haver alguma característica que o diferencie dos demais, isto é, deve ser *bom* o suficiente para receber o status de inimigo, caso contrário, se for *ruim* para tal, nem se quer o considera mas o despreza. Por outro lado, a perspectiva adotada pelo ressentimento ao encarar seu inimigo é outra, e esta outra perspectiva é o seu grande feito, é a maior e principal criação feita pelo ressentimento e que mais o distingue dos nobres: o inimigo será *mau*, e tudo o que não for seu inimigo ganhará o status de *bom*.

> *Em contrapartida, imaginemos "o inimigo" tal com o concebe o homem do ressentimento – e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu "o inimigo mau", "o mau", e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um "bom" – ele mesmo!...*[23].

[20] *Idem*, p. 31.
[21] *Idem*, *Ibidem*.
[22] *Idem*, *Ibidem*.
[23] *Idem*, *Ibidem*.

Referências

MARTON, Scarlett. *Nietzsche:* Das forças cósmicas aos valores humanos, 2ª ed. São Paulo: Editora UFMG, 2000.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Nietzsche:* civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral:* Uma Polêmica. Trad, notas e posfácio de Paulo César de Souza.10ª reimpressão São Paulo: Companhia das Letras, 1887/2007.

_____. *Obras incompletas*, in *Os Pensadores*. Seleção de textos de Gerard Lebrun, Trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres, Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

[23] *Idem*, *Ibidem.*